



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 16 - julho de 2016**

**Tradição e modernidade em diálogo na correspondência de Pio  
Lourenço Corrêa & Mário de Andrade**

*Denise Landi Corrales Guaranha\**  
*Manoel Francisco Guaranha\*\**

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir alguns aspectos pessoais e literários do diálogo epistolar entre Mário de Andrade (1893-1945) e Pio Lourenço Corrêa (1875-1957), um interlocutor privilegiado do autor de *Macunaíma* (1928) que, embora associado à tradição, "não me cabe na mioleira um verso sem metro, sem rima, sem leis", como confessou em carta a Mário após a Semana de Arte Moderna (1922), teve participação importante nas obras do escritor modernista, esteve presente no processo de autodescoberta deste como poeta e, em parte, na construção de seu estilo. A correspondência prolongada, entre 1917 e 1945, interrompida apenas pela morte de Mário, também revela aspectos humanos como a figura do pai que, em certos momentos, Pio desempenhou e as funções de amigo e confidente do escritor modernista. Os conhecimentos gerais, linguísticos e literários de Pio foram elementos relevantes na construção de vários textos de Mário de Andrade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mário de Andrade; Pio Lourenço Corrêa; Diálogo Epistolar; Crítica Genética; Estilo

**ABSTRACT**

This work aims to present and discuss some personal and literary aspects of the epistolary dialogue between Mário de Andrade (1893-1945) and Pio Lourenço Corrêa (1875-1957), a privileged interlocutor of the author of *Macunaíma* (1928) who, despite not being linked to tradition ("my brains cannot admit of a no-meter, no-rhyme, and no-law verse") as he confessed in a letter to Mario after the Semana de Arte Moderna

---

\* Mestre em Letras – Literatura Brasileira – pela USP, professora de Língua portuguesa e Literatura do Centro Paula Souza – Escola Técnica Estadual Martin Luther King – ETEC Tatuapé, São Paulo, SP, Brasil. [d-guaranha@uol.com.br](mailto:d-guaranha@uol.com.br).

\*\* Doutor em Letras – Literatura Portuguesa – pela USP, professor do Programa de Mestrado em Linguística e da graduação em Letras da Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL, São Paulo, SP, Brasil, professor concursado da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. [m-guaranha@ig.com.br](mailto:m-guaranha@ig.com.br).

(1922), played an important role in the works of the modernist writer and was present at Mario's self-discovery process as a poet as well, in part, in the construction of Mario's style. The prolonged correspondence exchanged between 1917 and 1945, and interrupted only by the death of Mário, also reveal other human aspects as the father figure that in certain moments Pio played, besides the role of friend and confidant of the modernist writer. Intellectually, the wide range of Pio Lourenço's general knowledge, including linguistic and literary scholarship, were important elements in the construction of several Mario de Andrade's texts.

**KEYWORDS:** Mário de Andrade; Pio Lourenço Corrêa; Dialogue Letter Writing; Genetic criticism; Style

## Introdução

Entre as mais de trezentas ou trezentas e cinquenta facetas de Mário de Andrade (1893-1945), é do conhecimento dos admiradores dele o hábito de escrever cartas. Correspondeu-se com outros escritores, músicos, pintores, políticos, artistas em início de carreira e também com desconhecidos, buscando orientar, aconselhar, discutir a arte e estimular a criação de uma identidade nacional. Muitos desses diálogos epistolares já foram organizados e publicados, constituindo extenso e rico material de estudo para compreender, entre outras questões, aspectos da construção do estilo e do processo de criação da vasta obra de um dos nossos mais conhecidos modernistas.

Para aqueles que trabalham com a Crítica Genética, por exemplo, as cartas são *corpora* relevantes, haja vista que essa área dos estudos literários

[...] analisa o documento autógrafo – documento vindo da própria mão do criador [...] – para compreender, no próprio movimento da criação, os mecanismos da produção, elucidar os caminhos seguidos pelo artista e entender o processo que presidiu o desenvolvimento da obra (SALLES, 2000, p. 24).

No caso de Mário de Andrade, escritor conturbado, polêmico e marcante de nossa literatura, esses documentos revelam aquilo que o crítico genético busca: “[...] um pensamento em evolução, ideias crescendo, ideias se aperfeiçoando, um artista em ação, uma criação em processo” (SALLES, 2000, p. 25).

Além do trabalho de orientar interlocutores, Mário de Andrade também buscava aconselhamento e apoio nesse diálogo epistolar. Um desses interlocutores foi Manuel Bandeira, com quem Mário estabeleceu uma vasta correspondência, já registrada em livro organizado por Marcos Antônio de Moraes (ANDRADE & BANDEIRA, 2001). Esse diálogo aconteceu em nível de igualdade intelectual em nível de igualdade intelectual, incluindo trocas de textos, críticas, discussões sobre a língua portuguesa, dúvidas sobre o processo de criação entre outras coisas.

### 1 Pio Lourenço Corrêa: um interlocutor especial de Mário de Andrade

Há, no entanto, entre esses interlocutores um que é pouco divulgado e até pouco tempo conhecido praticamente só entre os familiares do escritor ou entre aqueles que lidaram mais de perto com a organização da correspondência de Mário: Pio Lourenço

Corrêa, o “Tio Pio” (1875-1957), irmão de Cândido Lourenço Corrêa da Rocha (1851-1887), marido de Isabel Maria do Carmo de Moraes Rocha (1857-1942), tia materna de Mário de Andrade. Além disso, Pio tornou-se também primo do escritor modernista, pois casou-se com uma sobrinha, filha daquele mesmo casal, Cândido e Isabel, Zulmira de Moraes Rocha (1878-1959) que, por sua vez, era prima de Mário.

Pio Lourenço Corrêa fez estudos preparatórios na capital, mas estabeleceu-se como fazendeiro na cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo. Possuía a Fazenda São Francisco; a Chácara da Sapucaia (onde Mário escreveu *Macunaíma*), sua moradia; e um pesqueiro às margens do Rio Mogi Guaçu. Fazia parte da elite cafeeira paulista, tendo vivido intensamente a *belle époque*: conhecia a Europa; lia, escrevia e falava inglês, francês, italiano e espanhol; e foi o primeiro a possuir um automóvel Ford na região de Araraquara (a “fordeca” tão reverenciada por Mário de Andrade). Muito dedicado aos livros, Pio estudava Botânica para aplicá-la em suas fazendas; e Zoologia (incluindo zoofonia, entomologia, apicultura, ornitologia, piscicultura e avicultura) para organizar e desenvolver cientificamente suas criações de animais, sua produção de mel, caçadas e pescarias.

Quando se considera o diálogo que manteve com Mário, sob a perspectiva do processo de criação literária, ganham relevo os estudos sobre a língua portuguesa que Pio desenvolveu. Por conta disso, o fazendeiro colecionou obras dos mais importantes gramáticos e filólogos da época, livros raros e importados, primeiras edições com dedicatórias, revistas, jornais, – hábito que lhe rendeu um extenso e rico acervo que, hoje, apesar de muita coisa ter se perdido, está numa sala especial da Biblioteca Mário de Andrade, em Araraquara. O material foi doado por “tia Zulmira”, após a morte de Pio.

No campo linguístico, Pio não ficou só no estudo e na coleção de livros. Comprava, estudava, registrava os casos que lhe interessavam em fichas, buscando mais referências bibliográficas e emitindo sua opinião, assim como também fazia Mário de Andrade (é possível que este tenha lhe ensinado o método de registro). Desse modo, podemos encontrar ainda hoje na escrivaninha que pertenceu a Pio Lourenço três gavetas repletas de fichas, confeccionadas e organizadas com capricho: todas feitas do mesmo tipo de papel e tamanho, dispostas em duas fileiras, ocupando todo o espaço e perfeitamente encaixadas, como se o móvel tivesse sido projetado exatamente para esta função ou as fichas encomendadas exatamente para o móvel. Pio também conservou papéis de outra ordem: artigos de jornais e revistas, cartas, bilhetes, notas fiscais,

escritos dobrados dentro de envelopes (com as mesmas dimensões das fichas), catalogados e numerados de acordo com o assunto. Com sua erudição, no melhor sentido do termo, era considerado filólogo (ou linguista, título que preferia ao de gramático).

Além disso, Pio Lourenço manteve uma coluna no jornal de Araraquara, *O Imparcial*, na qual escrevia sobre questões de língua portuguesa; mais tarde, com a ajuda de Mário, também foi colaborador de *O Estado de São Paulo*, tratando do mesmo tema. Escreveu a *Monografia da palavra Araraquara*, em 1936, que foi publicada em quatro edições, revistas e aumentadas. Nesse estudo, elucidou a origem da palavra, provando que o significado do termo é “morada do sol” e não “ninho de araras”, como era difundido. Curiosamente, fazia questão de assinar suas produções sob o pseudônimo de Mota Coqueiro.

Quanto às cartas, desenvolveu com Mário de Andrade um diálogo epistolar intenso e extenso, que documenta uma relação afetiva, profunda e duradoura. Somente os laços familiares talvez não fossem suficientes para justificar uma amizade assim, mas se acrescentaram a essa convivência familiar uma aceitação mútua das grandes diferenças entre tio e sobrinho (de idade, temperamento, postura política, gosto artístico, uso da língua portuguesa: Pio era mais ligado à tradição, enquanto Mário buscava a modernidade). Desenvolveu-se entre ambos uma compreensão incondicional e uma possível “projeção inconsciente” de ideais: Mário, em certo sentido, representando o filho que Pio escolheu e por meio do qual realizou muitos sonhos; Tio Pio, por outro lado, representando certos aspectos positivos da figura paterna, pois o pai de Mário, com quem o escritor manteve uma relação conflituosa, morreu cedo pois o pai de Mário morreu cedo. O testemunho dessa questão pessoal ficcionalizou-se na obra literária de Mário de Andrade, por exemplo, no poema escrito em 1922, “A escrivãzinha” (LOPEZ, 2011, p. 58), e no conto “O Peru de Natal”. Também está presente em carta de 22 de janeiro de 1943, enviada à amiga e poeta Henriqueta Lisboa. Nela, o escritor descreve seu relacionamento com o pai:

Meu pai foi positivamente um homem estupendo, chegando mesmo a uma excepcionalidade do ser que, por exemplo, minha mãe não tem. Mas é estranhíssimo: eu nunca pude ‘perdoar’ (é bem o termo!) meu pai! [...] Se eu não posso ‘perdoar’ meu pai é nele mesmo e por mim. A raiva que eu tenho dele sem querer deriva em grande parte do excesso de dignidade em que ele me respeitou. Meu pai deve ter sofrido muito, principalmente com o seu complexo de inferioridade. Mas foi de uma honestidade, de uma bondade, de uma dignidade, de

uma sobriedade admiráveis. Mas, você quer imaginar incongruência maior! As memórias vão se deformando, vão se falsificando e de repente quando ponho reparo em mim porque me sinto em plena infância, o pai que eu estou me acreditando ter tido é pouco menos que um monstro! (ANDRADE, 1990, p. 117).

Mais adiante, na mesma carta, discorre sobre a figura paterna na criação do ficcionista:

O mais assustador é que, com frequência, sobretudo nuns contos na primeira pessoa que ando fazendo ultimamente, eu boto pedaços de meu pai no reconto. Isto é: pretendo, no ato da criação, estar me utilizando de dados me fornecidos pela psicologia de meu pai. Pois é tudo mentira, Henriqueta, nenhum daqueles elementos e casos são tirados da vida de meu pai tal qual ele e ela foram, mas exclusivamente de mim (ANDRADE, 1990, p. 118).

A relação de caráter paternal mais amena, por assim dizer, que desenvolveu com o tio tem relação com o fato de que Mário, quando criança, passava férias nas fazendas dele e de outros parentes, em Araraquara. Nessas oportunidades, Pio teria desempenhado certas funções de pai. O primeiro acontecimento importante que os uniu foi em 1913, quando Renato, irmão do escritor modernista, morreu com apenas quatorze anos em consequência de uma queda num jogo de bola. Mário sofreu uma grande depressão. Pio levou-o para uma de suas fazendas, onde não morava, e o deixou lá para que, na solidão e sem as cobranças de médicos e familiares, pudesse elaborar a perda. E parece que acertou no tratamento, pois Mário, aos poucos, começou novamente a ter curiosidade pela vida, começou a fazer caminhadas até os cafezais e sentiu-se bem escrevendo. Assim, disse que voltou “poeta” da fazenda. Esse episódio foi relatado em carta ao também poeta e amigo Manuel Bandeira, em 29 de maio de 1931:

O caso típico da minha afetividade foi a morte de meu mano mais moço, que me levou quase pra morte também. Os médicos chegaram a não dar nada mais por mim, médicos de moléstias de nervos e o diabo. Não comia, não dormia e com os sintomas característicos de neurastenia negra, ódio de minha mãe, de todos os meus etc. Foi o bom-senso dum tio, espécie de neurastênico de profissão, que me salvou. Pegou em mim, levou pra fazenda dele, onde ele não morava, me deixou lá sozinho. De tempo em tempo aparecia, perguntava se eu não queria nada. Não queria e ele ia-se embora. Um dia me chegou enfim a curiosidade de saber como era o princípio do cafezal, por trás da casa, fui até lá. Fiz o mesmo no dia seguinte, até mais longe e pra encurtar coisas aqui estou ainda vivo. Só que voltei poeta da fazenda. Sem nunca ter nem me preocupado em ler com prazer os poetas, já mesmo antes de ir pra fazenda, tinha dado em mim essa coisa

esquisitíssima, talvez sintoma de loucura; uma mania de fazer versos. Foi assim (ANDRADE & BANDEIRA, 2001, p. 508).

A prática de refugiar-se na chácara do tio em momentos de dificuldade persistiu ao longo da vida do escritor. Atestam isso as referências a Pio em carta que Mário escreveu, também para Bandeira, em 22 de abril de 1933:

[...] Mas o caso é que me surgiu de supetão, e indesejabilíssima, uma nefrite, e do dia pra noite me vi obrigado a pedir licença no Conservatório, mandar os alunos particulares passear e procurar um abrigo lá na chácara do tio Pio pra um repouso de pelo menos vinte dias de cama, que é o que por enquanto pedem os médicos. Se os futuros exames provarem a melhora de condições dos rins, volto pra o trabalho, se não, inda não sei o que vai ser. [...] Quanto a você, já sabe a minha direção: ao cuidado de Pio Lourenço Corrêa, Araraquara. [...] (ANDRADE & BANDEIRA, 2001, p. 556-557).

Portanto, com o “cuidado de Pio Lourenço Corrêa”, “neurastênico de profissão”, Mário teve a sorte de contar ao longo da vida. Ambos escritores e intelectuais de apurado senso crítico, por meio da palavra escrita deixaram o testemunho dessa relação familiar e literária.

## **2 Alguns aspectos do diálogo com Pio Lourenço Corrêa na obra de Mário de Andrade**

As cartas de Pio para Mário estavam no acervo deste, aberto para consulta somente cinquenta anos após a sua morte, como o escritor havia determinado. As cartas de Mário a Pio também foram conservadas e doadas pessoalmente ao professor e amigo Antonio Candido de Mello e Souza que, sabendo da importância desses documentos, encaminhou-os para restauração, preservação e estudo. Com o tempo, alguma coisa se perdeu, ou foi esquecida, dada a fragilidade dos documentos.

As cartas que resistiram (cujas datas vão de 1927 a 1945; 87 escritas por Mário e 115 por Pio Lourenço) foram catalogadas, organizadas e digitalizadas pela equipe do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, da Universidade de São Paulo – USP; receberam notas explicativas e um texto introdutório na dissertação de mestrado de Denise Landi Corrales Guaranha, (GUARANHA, 2007); e, finalmente, foram divulgadas ao público pela Editora Ouro Sobre Azul, no livro *Pio & Mário: diálogo da vida inteira* (ANDRADE & CORRÊA, 2009), com introdução de Gilda de Mello e Souza.

Podemos encontrar nessas cartas, como diz Walnice Nogueira Galvão, “elementos preciosos para a reconstituição de percursos de vida, fontes de ideias e de teorias não comprometidas pela forma estética” (1998, p. 156). Exemplo disso está em uma carta de 1927 em que, em tom bastante informal, Mário de Andrade propõe uma adivinha ao “tio Pio”: “O que é, o que é... Mana, vamos fazer/ Aquilo que Deus consente/ Ajuntar pelo com pelo/ Deixar o pelado dentro. Resposta: Fechar os olhos” (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 114). Mais tarde, em 1928, essa adivinha seria incluída em *Macunaíma*, no capítulo XI, “A velha Ceiuci”, entre aquelas que uma das filhas de Ceiuci propõe ao personagem principal como condição para libertá-lo:

- Agora é a última vez. Diga o que que é:  
 “Mano, vamos fazer  
 Aquilo que Deus consente:  
 Ajuntar pelo com pelo,  
 Deixar o pelado dentro.”  
 E Macunaíma:  
 - Ara! Também isso quem não sabe! Mas cá pra nós que ninguém nos ouça, você é bem senvergonha, dona!  
 - Descobriu. Não é dormir ajuntando os pelos das pestanas e deixando o olho pelado dentro que você está imaginando? Pois se você não acertasse pelo menos uma das adivinhas te entregava pra gulosa de minha mãe. Agora fuja sem escarcéu. [...] (ANDRADE, 1996, p. 106).

Mário fazia questão de enviar as primeiras edições de seus livros ao tio, que os mandava encadernar e lia com bastante cuidado, apresentando suas opiniões nas margens do texto, apontando problemas gramaticais com justificativas sustentadas por vasta bibliografia tradicional, como veremos mais adiante no caso de *Amar, verbo intransitivo* (1927).

De maneira geral, as cartas de Pio trazem encomendas de livros novos ou raros a serem comprados na capital; respostas às consultas de Mário sobre questões folclóricas ou de língua portuguesa; histórias e “casos” para enriquecer os textos que o sobrinho estava preparando; significados de palavras estrangeiras; etimologia de palavras indígenas; informações sobre criação de galinhas e abelhas; e participação na vida pessoal do escritor, mesmo a distância.

Pio chamava Mário para descansar na chácara nos momentos de dificuldade, tristeza ou decepção, como aquele em que o escritor ficou à frente do Departamento de Cultura de São Paulo, cargo que ocupou de 1935 até 1938; ou aquele em que se sentiu exilado no Rio de Janeiro, onde morou de 1938 a 1941. Nesse último, o tio alertou para o pessimismo que transparecia nas cartas do interlocutor e advertiu-o com veemência:

Que diabo é isso? Certamente não reconhecemos nessas frases o nosso Mário de todos os tempos, louçã e otimista, que sabia ver a vida e os contratempos com aquela pontinha de ironia esfuziante que afugenta as nuvens do horizonte. Você está esgotado, homem! (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 337).

Além disso, Pio também confessava a Mário suas próprias fraquezas:

Eu conheço, por experiência, essas equimoses deprimentes. Em 1910 e 1911, ia quase sucumbindo, quando um médico amigo (o Dr. Cláudio Botelho) me deu esta receita milagrosa: - “Não se suicide, este é o único perigo a que V. está exposto; o resto passa”. E passou. E recaí. E passou de novo. E recaio frequentemente – mas lanço logo mão da receita que ainda conservo comigo: não me suicide...” (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 337).

Da parte de Mário encontramos, além das consultas já referidas, notícias sobre lançamentos de livros; sobre seu trabalho; desabafos pessoais; descobertas de obras de arte e documentos históricos, como ilustrações inéditas de Rugendas e uma carta do Pe. José de Anchieta que depois foi doada ao Museu Paulista. O escritor fazia questão de incluir o “tio Pio” nessas aventuras de colecionador e também nos eventos que organizava, como o Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, de 1937. Na viagem ao Amazonas, em 1927, Mário escreveu um verdadeiro ensaio sobre a língua portuguesa falada no Norte do Brasil, enviando a Pio suas impressões e conclusões.

As opiniões e os gostos artísticos diferentes não impediram que os dois trocassem muitas ideias sobre literatura e tentassem uma escrita colaborativa. Pio relatava muitos “casos” e aventuras de juventude ao sobrinho, em conversas na chácara ou nas cartas, para que fossem reelaborados literariamente pelo escritor e submetidos a sua aprovação. Em *Primeiro andar*, publicado em 1925, encontramos “Caso pançudo” e “Caçada de macuco”, textos elaborados a partir de relatos de Pio.

Nesse último conto, por exemplo, aparece a frase: “Morrera-lhe a mulher há cinco anos sem que se lamentasse” (ANDRADE, 1980a, p. 62), cujo uso foi abonado por Pio, como mostra um bilhete de agradecimento escrito por Mário, sem data, em que o destinatário anotou, no verso, a data de recebimento como 18 de março de 1927:

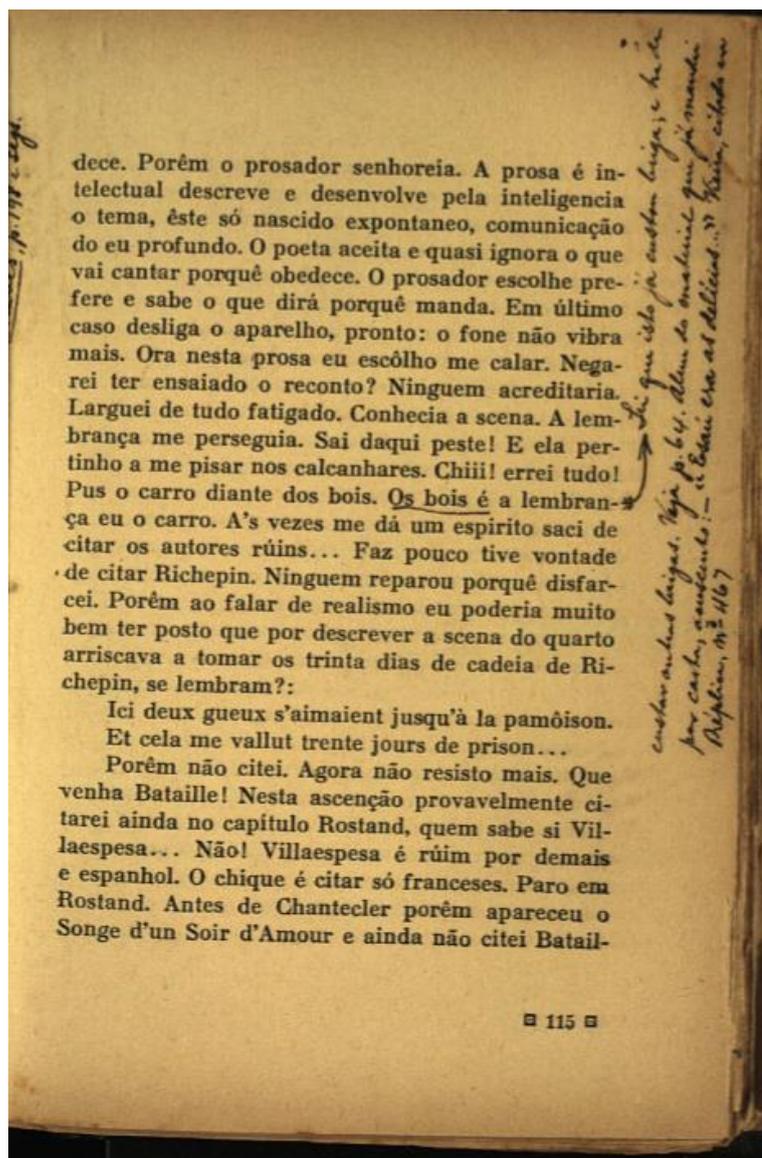
*Tio Pio*

Vou recebendo as notas utilíssimas. Pro caso da última faz tempo que me decidi: “Morrera-lhe a mulher há cinco anos” e “D’aí a dias”. (O M. Barreto escreve “Daí” sem apóstrofe e escreve “em-fim” com traço

de união... Durma-se com um barulho destes! Vejo isso no livro dele saído agorinha, *Através do Dicionário e da Gramática*, com tantos acentos que dói na vista. Quer que mande?). E a respeito deste “dói”, me mande se puder abonações pra “Os bois é a lembrança” que vem no *Amar; Verbo Intransitivo*, pg. 115 (ANDRADE, 2009, p. 108, grifos do autor).

As observações sobre *Amar; verbo intransitivo* que Mário solicitou no fragmento anterior da carta podem ser encontradas na margem da página 115 da primeira edição da obra, no volume que o escritor enviara a Pio (Fig. 1): “Sei que isto já custou briga; e há de custar outras brigas. Veja p. 64. Além do material que já mandei por carta acrescento: - ‘Esaú era as delícias...’ Vieira, citado em Réplica, p. 46” (MENDES, 1994, p. 224).

Aliás, um bom exemplo do diálogo entre Pio e Mário é justamente o volume de *Amar; verbo intransitivo* (1927), que faz parte do acervo do IEB – Instituto dos Estudos Brasileiros – USP, em que podemos encontrar uma ampla discussão, com réplicas de Mário, sobre a construção do livro. Algumas sugestões de Pio foram aceitas pelo autor e a segunda edição saiu com modificações. Esse diálogo foi transcrito por Marlene Gomes Mendes e publicado no número 36 da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP*, em edição comemorativa ao centenário de Mário de Andrade, em 1994.



**Figura 1:** Página 115 da 1ª ed. de Amar, Verbo Intransitivo  
**Fonte:** arquivo IEB-USP.

Em *Contos novos*, publicação póstuma de 1947, há o texto “O poço”, em que a figura do tio serviu de inspiração para delinear o personagem central, Joaquim Prestes. Por meio da análise do conto, Gilda de Mello e Souza (2009) faz observações sugestivas a respeito das contradições que envolvem o relacionamento, ao mesmo tempo literário e paternal, mantido entre Mário e Pio. O trecho, apesar de longo, é síntese brilhante desse aspecto do diálogo entre ambos:

A lembrança afetuosa que Pio Lourenço guardou de Carlos Augusto [pai de Mário e amigo de juventude de Pio] divergia muito da imagem ríspida e fria que Mário fixa nas cartas e em várias narrativas bastante autobiográficas de *Contos Novos*, sobretudo PERU DE NATAL, de que o pai é protagonista latente. Em todas essas transposições

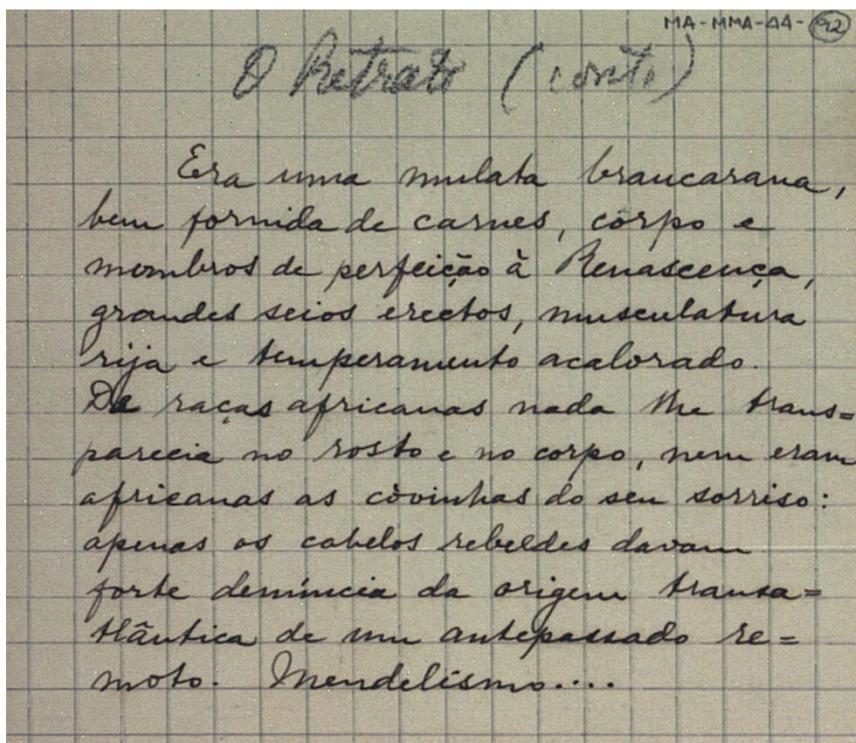
deformou sensivelmente o original, exagerando as características negativas e ignorando os traços que poderiam sugerir complexidade ou ambiguidade. A deformação provém não apenas de convicções literárias (como explica na correspondência), mas um pouco porque perdeu o pai num momento de incompatibilidade, não tendo tido tempo de refazer o juízo da mocidade. Ora, prestando atenção verificamos que maltrata igualmente Pio Lourenço, ao transpô-lo na figura extraordinária de Joaquim Prestes em *O poço* ou no que seria o personagem masculino da versão que esboçou de *O RETRATO*. O modelo servia indiferentemente para Carlos Augusto e Pio Lourenço, mas na vida real ambos eram para ele homens de “nobreza inflexível”, podendo servir de exemplo, refúgio e inspiração para os artistas. (SOUZA, 2009, p. 29)<sup>1</sup>.

“O Retrato”, citado por Gilda de Melo e Souza, refere-se à tentativa de parceria entre Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade na esfera da criação literária que transfigura a realidade. O conto “Marcolina” ou “O retrato”, conforme os títulos atribuídos por um e pelo outro, teria como enredo a história de amor vivida pelo fazendeiro na juventude, a qual, depois de recapitulada em conversa, foi escrita por ambos. Tanto o conto de Pio, escrito sob o pseudônimo Grain d’Orge, texto do qual há unicamente notícias da escritura, como a versão manuscrita do sobrinho postiço, têm como protagonista a prostituta Marcolina, apelidada Joia.

A trama [do conto “O Retrato”] focaliza a história de Joia, bela mulata de olhos verdes, que PLC conheceu num prostíbulo, por ela se apaixonando. Montara-lhe casa e a sustentara. Acertado o casamento com Zulmira, o moço encerrara a ligação, indenizando a amante que se mudou para São Carlos. Joia, que guardara uma fotografia de Pio, encomendou a um desenhista a ampliação a *crayon*, a qual emoldurou, pendurando-a no quarto que ocupava em um bordel. Passados alguns anos, um amigo de PLC viu o quadro e lhe comunicou o fato, indignando-o. O fazendeiro foi a São Carlos, procurou Joia, obrigando-a a tirar o retrato da parede. Dias depois, recebeu-o numa caixa, enviada por ela. Quando PLC contou o caso a MA, este sugeriu transformá-lo em um conto, escrito por ambos. (GUARANHA, 2009, p. 321).

Os fragmentos escritos por Mário encontram-se no IEB-USP, o estabelecimento e a transcrição do texto foram feitos por Cristiane Yamada Câmara.

<sup>1</sup> Os títulos dos contos estão em caixa alta respeitando a forma como Gilda de Mello e Souza referiu-se a eles.



**Figura 2:** Fragmento manuscrito de “O retrato”. Arquivo Mário de Andrade.  
**Fonte:** arquivo IEB-USP<sup>2</sup>.

Ainda sobre o processo de escrita do conto “O retrato”, Gilda de Mello e Souza (2009) faz considerações precisas a respeito das “divergências quanto ao tratamento do personagem central [as quais] decorrem da própria concepção que cada um [Pio e Mário] tinha do que era a verdade da vida e a verdade da arte” (p. 24). Essas divergências culminaram no abandono do projeto. Segundo a ensaísta, enquanto “Pio está preso a um amor genérico da verdade, [...] Para Mário, *era a verdade da arte x a mentira da vida; a deformação x a transposição fiel da realidade*” (p. 24, grifo da autora).

O fato que talvez seja mais divulgado como testemunho da relação entre Pio e Mário é que *Macunaíma* (1928) foi escrito na Chácara da Sapucaia, em Araraquara, e

<sup>2</sup> O Retrato (conto)

Era uma mulata brancarana,  
bem fornida de carnes, corpo e  
membros de perfeição à Renascença,  
grandes seios eretos, musculatura  
rija e temperamento acalorado.  
De raças africanas nada lhe trans=  
parecia no rosto e no corpo, nem eram  
africanas as covinhas do seu sorriso:  
apenas os cabelos rebeldes davam  
forte denúncia da origem transa=  
tlântica de um antepassado re=  
moto. Mendelismo...

apresenta muitos dados de flora, fauna e folclore brasileiros advindos das anotações de Pio. Mário aproveitou as informações sobre abelhas e formigas recebidas diretamente ou em leituras que o tio indicara. Além disso, o autor de *Macunaíma* põe, junto ao herói sem nenhum caráter, de volta ao Uraricoera, o casal de galinhas Legorne, raça criada com muito cuidado na Sapucaia. Nas pesquisas de folclore que empreende, preza a experiência e as leituras do tio. Em *Namoros com a medicina* (1939), pôde, inclusive, citá-lo como fonte:

Medicina dos excretos

As machucaduras internas também recorreram ao receituário excretício. Me contou o Sr. Pio Lourenço Corrêa, meu amigo e fazendeiro de grande experiência humana, que em Araraquara, é uso no povo o sujeito que sofre machucadura interna, beber a própria urina para sarar. (ANDRADE, 1939, p. 83).

Como se percebe, Pio Lourenço Corrêa foi mais do que um interlocutor, foi parceiro, consultor e até personagem de textos de Mário de Andrade em outros momentos além do já referido conto “O Poço”. *N'O turista aprendiz* (ANDRADE, 1977) aparece, entre outras citações, em:

**17 de maio [de 1927]**

[...] Não sei porque me lembrei de uma anedota que meu tio Pio, que não é meu tio, me contou. Ele, rapaz, estava brincando com um negrinho escravo do pai, não sei o que o negrinho fez, e ele:

Ôh, negrinho entremetido, eu te bato, heim!

Bata que eu corro!

Eu corro atrás!

Eu escapulo por debaixo de mecê!

Eu me agacho!

Eu pegava numa pedra e tocava uma pedrada em mecê!

Eu desviava!

Eu pegava num relho, dava uma relhada em mecê!

Que-de relho!

Eu dava uma paulada!

Não tem pau!

Nem num sei! Pegava no que fosse e dava uma que fossada em mecê!  
(p. 58).

Na coletânea de textos escritos para o *Diário Nacional do Rio de Janeiro*, publicada no livro *Táxi e crônicas no Diário Nacional*, com estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez, em 1976, entre outras referências, encontra-se:

Acabo de passar uma semana discutindo o assunto com quem o sabe a fundo e, apesar da diferença de idade e ideais, me tem sido um dos companheiros mais queridos e úteis da vida minha. Não pudemos nos entender, está claro. Os argumentos do meu contraditor eram de ordem filológica, e nesses pude as mais das vezes concordar com ele, mas quando porém chegava o momento de concluir, eis que ele me dizia: – A reforma é ruim. Eu falava: – A reforma é boa. (ANDRADE, 1976, p. 185-186).

Uma lacuna importante, no entanto, impõe-se nesse diálogo epistolar. A carta em que Mário de Andrade teria noticiado ao tio, “um dos companheiros mais queridos e úteis”, a ocorrência da Semana de Arte Moderna e suas impressões sobre o evento não foi encontrada. No entanto, temos a resposta de Pio que, tentando ser modesto e conservador nas suas opiniões, acaba resumindo sua relação de diferenças com Mário e, ao mesmo tempo, mostrando-se participante e admirador, além de ironizar as agressões sofridas pelos modernistas durante o evento:

Na divisão do trabalho humano, a que obriga a eterna e universal Lei da capacidade de cada um, a mim me tocou plantar batatas e matar formigas. Em arte (já V o sabia) sou simplesmente um *by stander*, um mirone, um *badaud*, um basbaque. De toda essa nomenclatura internacional, escolha V a que mais me convier. Como plantador de batatas, não percebo essa coisa de se meterem batatas, digo, palavras avulsas – *by standers* – no meio do discurso; como matador de formigas, não me cabe na mioleira um verso sem metro, sem rima, sem leis. Considero isso tudo como arte dos *soviets*. O pior é que nem todos continuam a plantar batatas: alguns vão ao Municipal atirar batatas! (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 55).

O diálogo só foi interrompido em fevereiro de 1945, com a morte de Mário. A última carta tem data do dia 10 desse mês, o mesmo da morte do autor. Nela, ele trata do “problema desilusório da celebridade”:

*Tio Pio*

Recebi sua carta e fiquei desolado nesta desolação que vou lhe dizer que não sei quando poderei ir à chakra. E é impossível que o Sr. não saiba quanto isso é meu desejo. Mas afinal desde meados do ano passado que me vi enfim obrigado a encarar o problema desilusório da celebridade. A altivez natural do espírito não queria reconhecer isso, enganado pela convenção da modéstia, quando a legitimidade da modéstia exigia justamente que eu aceitasse pra mim aquela... palavra feia, não só pra não me desperdiçar, mas sobretudo pra ver se conseguia converter ela em alguma coisa útil aos outros. E o resultado da modéstia falsa é que quando aceitei encarar o problema, estava encalacrado de dívidas morais e entalado entre obrigações pouco úteis e corriqueiras. Tenho esperneado que o Sr. não imagina, pra me livrar

de exigências, convenções, e o diabo que a celebridade traz. Se ao menos trouxesse uma qualquer certeza pessoal de valor, qualquer confiança... Mas à medida que a vida dos outros, a vida “social” da celebridade toma conta de mim, cada vez mais, cada vez mais me sinto incerto de minha vida e minhas obras. É triste. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 419).

Confrontados esses fragmentos dos discursos de Pio Lourenço Corrêa e de Mário, percebe-se, no primeiro, certo bom humor com que critica de modo leniente os procedimentos artísticos do sobrinho, quase como um pai criticando a travessura de um filho (travessura esta também sinônimo de arte) sem tirar dela o valor que tem como elemento criativo e criador por excelência. No segundo, percebe-se a disposição de se abrir com alguém mais experiente (tradicional *ma non troppo*) por quem nutre respeito e em quem tem confiança para confessar aquilo que talvez mais incomode àqueles que desafiam a tradição: a incerteza quanto ao futuro de seu passado.

### Considerações finais

Pio Lourenço Corrêa, depois da morte do interlocutor, continuou escrevendo, colecionando livros e artigos sobre língua e literatura, principalmente quando o assunto era Mário. Atesta isso o discurso feito por ele em sessão comemorativa do 1º aniversário da morte de Mário de Andrade, em Araraquara, publicado no periódico *O Imparcial*, da mesma cidade:

#### **DISCURSO DO FILÓLOGO ARARAQUARENSE SR. PIO LOURENÇO CORRÊA**

A 9 de outubro de 1893, em São Paulo, na casa da rua Aurora cuja frente esta fotografia reproduz, nasceu o menino que hoje nos reúne neste salão. Eu também morava naquela casa de grandes e numerosos cômodos, que era o domicílio do Dr. Leite Moraes, avô do menino e meu padrinho. Por isso posso dizer sem hipérbole que conheci Mário de Andrade desde que nasceu.

Araraquara foi sempre para ele o retiro predileto de férias. Vinha à nossa casa da chácara para descansar – mas nunca descansava. Se não eram os meus livros que o ocupavam, eram os seus próprios trabalhos literários. Além de muitos e muitos escritos avulsos, foi aqui na chácara que compôs a mais discutida e talvez a mais famosa das suas obras:

#### **Macunaíma.**

Foi ainda aqui que esboçou, e desenvolveu em grande parte o trabalho histórico e crítico, ainda inédito, sobre os quadros e a personalidade artística do pintor ituano Pe. Jesuíno do Monte Carmelo.

Aqui ainda – quantas vezes! – propunha-me questões sobre os seus arrojados modismos estilísticos, que tão profunda influência exerceram na moderna literatura brasileira.

Algumas vezes as nossas opiniões divergiam abertamente, e alteávamos tanto as vozes que a dona da minha casa intervinha lá de longe: – Não briguem! E não brigávamos, nunca brigamos.

Minhas senhoras e meus senhores:

É assim a um amigo de toda a vida do Mário que veio a tocar hoje, por nímia deferência destes moços, a honra e a satisfação de desvelar-vos este retrato, e dizer-vos comovido de saudade. – Aqui está o insigne polígrafo e artista da palavra, que tanto quis bem a nossa terra.

25 de fevereiro, 1946. (CORRÊA, 1946, p. 1).

Pio não era simples “*by stander*, [...] *mirone*, [...] *badaud*, basbaque” (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 419) em matéria de arte como autodenominara-se. Na realidade, em que pesem suas convicções arraigadas à tradição, soube reconhecer, estimular, limar e, por meio do diálogo, colaborar com Mário e com o que este representou em termos de “atualização da inteligência artística brasileira” (ANDRADE, 1972, p. 242) de nossa literatura.

Esse diálogo entre a tradição e a modernidade, essa técnica de buscar o futuro sem negar integralmente o passado, talvez seja um dos valores que Pio tenha transmitido ao sobrinho e que contribuiu para a construção do estilo de Mário de Andrade, bem como do Modernismo brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 4. ed. Brasília: Martins, INL, 1972.

\_\_\_\_\_. *Táxi e crônicas do Diário Nacional*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

\_\_\_\_\_. *O Turista Aprendiz*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

\_\_\_\_\_. *Namoros com a Medicina*. 4. ed. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

\_\_\_\_\_. *Obra imatura: Há uma gota de sangue em cada poema; Primeiro andar; A escrava que não é Isaura*. 3. ed. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980a.

\_\_\_\_\_. & LISBOA, Henriqueta. *Querida Henriqueta*. Cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa. Lauro Palú (Org). 2ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

\_\_\_\_\_. *Macunaíma* – o herói sem nenhum caráter. Edição crítica coordenada por Telê Porto Ancona Lopez. 2. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

\_\_\_\_\_. & BANDEIRA, Manuel. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Introdução e notas de Marcos Antonio de Moraes (Org). 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

\_\_\_\_\_. & CORRÊA, Pio Lourenço. *Pio & Mário: diálogo da vida inteira: a correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Traços biográficos: Antonio Candido, introdução: Gilda de Mello e Souza, estabelecimento e notas: Denise Guaranha*. Rio de Janeiro; São Paulo: Ouro Sobre Azul; SESC SP, 2009.

CORRÊA, Pio Lourenço. Discurso do filólogo araraquarense sr. Pio Lourenço Corrêa. *O Imparcial*, Araraquara, p. 1, 26 fev. 1946.

GALVÃO, Walnice Nogueira. À margem da carta. In: *Desconversa* (ensaios críticos). Rio de Janeiro: UFRJ, 1998, p. 154-63.

GUARANHA, Denise Landi Corrales. *A riqueza nas diferenças: edição fidedigna e anotada da correspondência Mário de Andrade & Pio Lourenço Corrêa (1917-1945)*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – IEB Instituto de Estudos Brasileiros, USP, São Paulo, 2007.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem de sua biblioteca e de sua marginália. *Revista Escritos*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 5, p. 53-75, 2011. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/artigo04.php>>. Acesso em 27 ago. 2015.

MENDES, Marlene Gomes. “Diálogo Mário e ‘Tio Pio’”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n.36, p. 190-243, 1994.

SALLES, Cecília A. *Crítica genética: uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ, 2000.

SOUZA, Gilda de Melo. O Arcaico e o moderno: história de uma amizade. In: ANDRADE, Mário & CORRÊA, Pio Lourenço. *Pio & Mário: diálogo da vida inteira: a correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Traços biográficos: Antonio Candido, introdução: Gilda de Mello e Souza, estabelecimento e notas: Denise Guaranha*. Rio de Janeiro; São Paulo: Ouro Sobre Azul; SESC SP, 2009.

*Data de submissão: 30/08/2015*

*Data de aprovação: 17/09/2015*